



## A HERANÇA DO PASSADO NOS PROJETOS DE IDENTIDADE EM *WAR YEARS*



### HERITAGE OF THE PAST IN IDENTITY PROJECTS IN *WAR YEARS*

DEBORAH DO CARMO FILIPPETTO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 29/06/2021 • APROVADO EM 03/09/2021

---

#### Abstract

This paper discusses three distinctive functions of remembering the past to the construction of identity narratives in the short story *War Years*, by Viet Thanh Nguyen (2017), part of the collection of **The Refugees**. The short story illustrates how the projects of future are constructed by two refugee women in the United States based on their experience of diaspora. The short story is narrated by a child that manages the meaning of the memory sediments transmitted to him through his present socialization experiences. The first construction of identity is an attempt to transpose the past to the present. The second aims for internal reconciliation with the traumatic experiences caused by the Vietnam War. Whist the third searches for cohesion links to the gaps between the past and the present. In these three vectors of identity construction the meaning of past is translated differently in the present, depending on how the characters reinterpret it.

---

#### Resumo

Este artigo discute três funções da rememoração do passado para a construção de narrativas identitárias no conto *War years*, de Viet Thanh Nguyen (2017), que integra coletânea **The Refugees**. O conto em questão ilustra como são construídos os projetos de futuro de duas mulheres vietnamitas refugiadas nos Estados Unidos a partir de suas experiências com a diáspora. O conto é narrado por uma criança que organiza o sentido dos sedimentos de memória transmitidos a ela a partir de suas experiências de socialização do presente. A

primeira forma de construção acontece pela manutenção do passado no presente. A segunda busca a reconciliação com as experiências traumáticas da Guerra do Vietnã. Enquanto a terceira gera elos de coesão entre as lacunas que se estabelecem entre o passado e o presente. Nos três vetores de construção identitária o significado do passado é traduzido de maneira distinta no presente, de acordo com a interpretação dos personagens sobre ele.

---

### Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Identity. Memory. Viet Thanh Nguyen. The Refugees. War Years.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Memória. Viet Thanh Nguyen. The Refugees. War Years.

---

### Texto integral

---

## 1. INTRODUÇÃO

A coletânea de contos **The Refugees** (2017) de Viet Thanh Nguyen, autor premiado pelo Prêmio Pulitzer de Ficção em 2015, tem como tema em comum entre suas narrativas as diferentes maneiras como os personagens acessam o passado e suas lembranças da diáspora. A maneira como os personagens revisitam estas experiências se torna especialmente importante no conto *War Years*, que encena como três personagens centrais constroem seus projetos de identidade de forma distinta ao acessar seu passado em comum. Os personagens em foco são duas mulheres vietnamitas refugiadas nos Estados Unidos e uma criança, o filho de uma delas. O conto é narrado pela criança, que possui uma ligação direta com a cultura do país de assentamento por seu contexto de socialização não ser restrito à comunidade vietnamita. Nessa esteira, Nguyen se junta a uma produção discursiva que problematiza indiretamente as formas de nomear as experiências migrantes (MATHIAS, 2018) e discute narrativas culturais no marco da imigração (MATHIAS, 2013).

O cerne do conflito está na dificuldade em estabilizar uma narrativa identitária que será transmitida como legado. O narrador observa a forma como os adultos administram suas narrativas identitárias e, a partir de sua experiência de socialização, gerencia os fragmentos do passado em uma nova malha narrativa. A experiência diaspórica gerada pela guerra perpassa a construção da identidade destes personagens e, apesar de ser uma experiência comum, resulta em narrativas diversas. Nesse sentido, o presente artigo busca responder à pergunta de como os personagens do conto se apropriam da narrativa histórica, de passado, para construir seus projetos de futuro. Em outras palavras, deseja-se problematizar como o passado se insere no presente diegético e quais os vieses de interpretação se tornam possíveis pela sua presença.

*Revisitando a Diáspora*

A Guerra do Vietnam é permeada de controvérsias no que diz respeito ao envolvimento dos Estados Unidos e as decisões que foram tomadas durante o seu desenrolar. Esta guerra, também chamada de American War (NGUYEN, 2016), teve seu início após a Conferência de Genebra (1954) que buscava solucionar os conflitos relacionados com Guerra da Coreia e da Primeira Guerra da Indochina (1946-1954). A resolução permitiu a independência das regiões de Camboja, Laos e dividiria temporariamente o Vietnam até as eleições de 1956, onde o partido eleito manteria um regime democrático.

As forças militares comandadas por Ho Chi Minh (conhecidas como Viet Minh) recuaram para o norte, enquanto as tropas apoiadas por Washington se estabeleceram na região Sul. Antes, as forças de Viet Minh buscavam expulsar os ocupantes coloniais franceses e japoneses durante o conflito da Indochina, enquanto as tropas francesas sob o comando de Ngo Dinh Diem conseguiram apoio dos Estados Unidos. Ambos os polos partidários se declaravam como a unidade legítima do projeto de governo do Vietnã unificado.

As forças partidárias da República Democrática do Vietnã alocadas no Norte teriam vantagem para as eleições, uma vez que possuíam uma densidade maior de habitantes. Isto fez com que os Estados Unidos estendessem seu suporte à Diem, buscando combater uma possível vitória do partido comunista em eleições democráticas. O suporte financeiro para programas de saúde e educação intensificou a força do partido do Sul. Nisso, a disseminação da crença de que o partido comunista não permitiria a instauração de um regime democrático fez com que a administração do presidente Dwight D. Eisenhower desse suporte a Diem ao desafiar o Acordo de Genebra, reacendendo as lutas e conflitos entre os dois polos de poder.

O plano de retomada pacífica da capital de Saigon se enfraqueceu com a má gestão e tomadas de decisões governamentais arbitrarias. O plano de ação gradual dos Estados Unidos em conjunto com a fraqueza do governo central estabelecido no Vietnã Sul (TUCKER, 1999) intensificaram a força das rebeliões internas. A dosagem de recursos financeiros visava manter o equilíbrio dos planos de ação nacionais dos Estados Unidos e não provocar o envolvimento das tropas Chinesas no conflito.

A propaganda anticomunista que circulava nos Estados Unidos impedia que o país parasse de intervir no conflito, assim como também geraria desestabilização narrativa se caso perdessem a guerra. Enquanto isso, as fatalidades não pareciam enfraquecer as forças do Vietnã Norte. O sucesso das batalhas passou a ser medido pela contabilização de corpos, que intensificou os abusos e barbáries que recaiam sobre as regiões envolvidas.

Um dos momentos decisivos que demarca o declínio da participação norte-americana na região foi a chamada Ofensiva de Tet. O episódio se refere a uma estratégia de ataque das tropas de Viet Minh que seria executada de forma direta e com capacidade bélica máxima sobre o território Sul durante o feriado de Tet. Apesar de os Estados Unidos possuírem superioridade em armas e números até o momento da Ofensiva de Tet, uma falha na inteligência de guerra impediu que os oficiais do Sul previssem o momento e a força do ataque de Viet Minh. Esta ofensiva iniciou então um processo de desestabilização e fragmentação do projeto nacional do Vietnã Sul, que até então era apoiado pelos Estados Unidos.

O suporte militar dos Estados Unidos no Vietnã do Sul foi suspenso em 1973, ainda antes de declarado oficialmente o fim da guerra, em 1975. A saída dos exércitos norte-americanos do território Sul facilitou a tomada de Saigon pelo Partido Comunista por intermédio de invasões pelas bordas de Camboja, ocasião em que não houve interferência de Washington. O conflito é contabilizado como o maior investimento bélico dos Estados Unidos, repercutindo igualmente por ser o mais reproduzido em adaptações para o cinema. Apesar disso, também é dito como o menos compreendido em suas nuances pelos cidadãos norte-americanos, com os efeitos de seu fracasso que ainda podem ser sentidos até hoje (TUCKER, 2011).

Com o fim da guerra, aproximadamente 130.000 refugiados do Vietnã do Sul (ADAMS, 2008) buscaram asilo nos Estados Unidos. Com isso, a forma como a experiência da guerra é rememorada por estes atores sociais, alcunhados como “povo do bote” (WIEST, 2005, p. 82)<sup>1</sup>, difere da narrativa hegemônica norte-americana, que busca apagar o fracasso e reconstruir sua imagem em novas tecituras narrativas, fazendo com que a reconstrução do passado por este grupo confronte a estabilidade da narrativa dominante (GOYAL, 2018, p. 378).

### *A memória, a negociação do passado e a identidade*

A construção de uma identidade se dá pela relação entre a memória, a saber o passado, e a persistência do existir no futuro. Projetar-se no futuro implica na construção de uma autobiografia a partir das experiências com o passado (ROSSI, 2007): uma construção narrativa do si em uma malha de sentidos que pode ser revisada e recordada. Esta ligação com o passado é uma forma do sujeito se estabilizar no presente, conforme sua busca por um projeto de futuro. Neste sentido, a rememoração de sedimentos do passado transporta para o presente os acontecimentos que permanecerão vivos na construção autobiográfica do si.

A construção de uma identidade coletiva compartilhada é mediada pela presença de símbolos. Estes, são estabelecidos por acontecimentos fixos e moldados por narrativas que gerenciam seu significado. Sara Mcdowell (2008) discorre sobre a relação entre o modo como o passado é acessado e a intenção da interpretação que recai sobre ele:

Aceitando que a tradição é o uso seletivo do passado como recurso para o presente (e futuro) deve ser de pouca surpresa verificar que memória e comemoração são inexoravelmente conectadas ao processo de herança. Existem múltiplos tipos de memória: oficial; não-oficial; pública; privada; coletiva; comum; local; nacional; social; histórica; emocional; memória póstuma; literal; e exemplar. Memórias são frequentemente pensadas em termos de escala: do indivíduo ou [da esfera] privada que pode envolver experiências pessoais como perda e sofrimento; da local ou comum que focam a atenção em eventos-chave ou experiências que ocorreram dentro

---

<sup>1</sup>No original: “boat people” (WIEST, 2005, p. 82)

de pequenos grupos; à memória social que descreve narrativas do passado que são simpáticas a uma população vasta e vagamente interconectada. Ainda na mesma escala se apresenta a memória pública e a memória nacional. Memória pública emerge de uma intersecção das expressões culturais oficiais e vernaculares, é uma reflexão da relação política e social da atualidade [e é] um processo fluído que não é apenas negociado oficialmente ou por grupos nacionais, mas também pela mídia, academia, instituições tradicionais e organizações da comunidade local. Memória nacional, enquanto isso, é frequentemente pensada em conjunção com a memória oficial que, na maior parte das sociedades, emana pelo estado e suas instituições, frequentemente representando as necessidades hegemônicas e valores do público geral (MACDOWELL, 2008, p. 40, tradução nossa)<sup>2</sup>.

A partir de um determinado acontecimento, o acesso à rememoração deste evento irá modelar a narrativa que será construída. Nessa rememoração, o que deve ser lembrado e que deve ser esquecido também interfere na tecitura da malha narrativa, de forma que a expressão resultante possa gerar sentido para o projeto identitário. A maneira com que as lembranças são rememoradas parte das experiências individuais para as experiências coletivas, que permitem a construção de narrativas em conjunto.

Além da narrativa dominante de uma nação que utiliza acontecimentos históricos para gerar uma narrativa de identidade unificadora, os grupos minoritários também traduzem suas experiências com o passado para formular uma identidade coletiva e afirmar sua existência. Esta identificação coletiva perpetua a existência dos acontecimentos do passado no presente e busca perdurar como uma experiência de tradição para o futuro.

No conto em questão, os personagens centrais representam diferentes maneiras de organizar as experiências de rememoração e de construção de identidade. No caso da senhora Hoa, ela se afilia ao gerenciamento de imagens culturais para uma construção narrativa local. A mãe do narrador, organiza suas experiências pela sua agência na esfera pública, empreendendo esforço para que seu legado familiar se estabilize no país de assentamento. Enquanto o narrador busca

---

<sup>2</sup> No original: "Accepting that heritage is the selective use of the past as a resource for the present (and future) [...] it should be little surprise to find that memory and commemoration are inexorably connected to the heritage process. [...] There are [...] multiple types of memory: official; unofficial; public; private; collective; communal; local; national; societal; historical; emotional; postmemory; literal; and exemplary. Memories are often thought of in terms of scale: from the individual or private which may involve personal experiences such as loss or suffering [...]; the local or communal, which draws on key events or experiences that have occurred within close-knit groups; to societal memory which describes narratives of the past that are sympathetic to a broader, loosely interconnected population. Also on that same scale is public and national memory. [...] Public memory emerges from the intersection of official and vernacular cultural expressions [...] it is a reflection of present political and social relationships [and it is] a fluid process that is not only negotiated by official or nation groups but also by the media, academics, heritage institutions and local community organizations. [...] National memory, meanwhile, is frequently thought of in conjunction with official memory that, in most societies, emanates from the state and its intuitions, often representing the hegemonic needs and values of the general publics" (MACDOWELL, 2008, p. 40).

preencher as lacunas de sentido que se estabelecem entre as imagens do passado que circulam em seu núcleo familiar e as da comunidade em que vive, utilizando suas experiências pessoais de sua socialização escolar.

## 2. TRANSPOSIÇÃO DO PASSADO PARA O PRESENTE

No microcosmo diegético, a aparição da senhora Hoa demarca para o narrador uma mudança crucial na forma como as informações de seu espaço são compreendidas e mediadas. Antes, o cotidiano do narrador era estabilizado pela rotina da mãe, que sempre agia de uma forma precisa e específica diariamente. A partir do momento em que a presença de senhora Hoa se materializa na loja da família, a rotina diária e pontual da mãe é desestabilizada, fazendo com que seja necessário para a criança reorganizar sua malha de sentidos, uma vez que há uma mudança crucial na forma como a mãe se posiciona e interage com a senhora Hoa. Esta reorganização tem seu início por meio de comparações que o narrador efetua entre a senhora Hoa e sua própria mãe.

A primeira impressão da criança traça paralelos entre as duas personagens, ressaltando os pontos semelhantes e os discrepantes entre elas. Isto é evidenciado pela percepção do narrador em como a senhora Hoa e a mãe se vestem de forma similar, utilizando tons monocromáticos. Porém, os óculos escuros que são utilizados pela senhora Hoa também são destacados por ele, pois fazem com que a face da mulher seja “obscurecida” (NGUYEN, 2017, p. 51). Os óculos demarcam o distanciamento social entre as duas mulheres e estabelece de forma indireta um limite para quem interage com a senhora Hoa. Neste sentido, a barreira entre a mãe e senhora Hoa remonta à formação de um novo espaço social que precisará ser negociado, uma vez que cada uma delas possui um projeto de identidade distinto e que demanda sua encenação social em seus respectivos espaços de ação.

A presença da senhora Hoa afronta o território e o espaço de ação e encenação social da mãe do narrador. A senhora Hoa se encena de forma pública como representante dos costumes e valores da comunidade em que vivem, propondo um projeto de identidade comunitária para os indivíduos daquele local. Este projeto se baseia em manter a comunidade ligada à guerra. Esta imposição figurativa é intensificada pela presença da senhora Hoa nos espaços públicos:

“Eu ainda não ouvi sobre a sua doação, querida. Na próxima semana, talvez? Eu lhe visitarei.” Sra. Hoa estava vestida formalmente, num *ao dai* púrpura meia-noite aveludado bordado com um lótus dourado sobre o peito. Deveria estar um calor insuportável no clima de verão, mas nenhuma perspiração apareceu em suas têmporas. “Enquanto isso, aqui está algo para ler.” [...] Ela tirou uma folha de papel de sua bolsa, a mesma de couro falso de crocodilo com fecho de prata que vi na última semana, e ofereceu para mim. O mimeógrafo era em Vietnamita, no qual não eu não podia ler, mas a fotografia borrada dizia tudo, homens magros em posição de sentido abaixo de folhas de palmeiras,

vestindo exatamente as fardas de listra de tigre que eu havia imaginado (NGUYEN, 2017, p. 61)<sup>3</sup>

A senhora Hoa assume um papel de administradora do projeto de identidade deste grupo com sua presença em espaços onde os valores e costumes da comunidade são transmitidos e cultuados. Por meio da utilização de símbolos, como o *ao dai* que remete à cultura originária da comunidade em questão, e de sua participação em eventos que consolidam os valores compartilhados, como a igreja e a fé, esta encenação pública transporta para o presente as experiências de uma forma de tradição. A utilização de imagens visuais e palpáveis, como a fotografia dos guerrilheiros, reforça a ideia da existência e potencial desta resistência ao fim da guerra.

De forma similar às fotos, esta encenação pública da personagem se assemelha à construção de signos memoriais: colocando-se como administradora e representando os interesses públicos da comunidade, vestindo-se com trajes que revisitam a memória cultural, a personagem tem um efeito de monumento em movimento. A legitimação deste projeto não depende apenas da senhora Hoa como pilar de manutenção de costumes e valores, pois demanda o engajamento financeiro dos participantes da comunidade para juntar fundos e custear as tropas vietnamitas. Assim, o projeto de futuro que a personagem busca construir, tem sua gênese em dar continuidade à guerra e recuperar o território de sua nação.

A tensão que se estabelece entre a mãe e a senhora Hoa se dá pela forma distinta com que as duas acessam as memórias do passado. O projeto de identidade imposto pela senhora Hoa não é compartilhado de forma homogênea pelos integrantes da comunidade, o que gera instabilidades na malha narrativa que o compõe. Esta discordância é perceptível pelo posicionamento da mãe do narrador, que se opõe à forma como a senhora Hoa busca manipular o espaço público. Assim, ambas necessitam exercer determinado nível de força coerciva através da malha de poder que transpassa os espaços compartilhados pelos membros dessa comunidade:

Eu vi a Sra. Hoa na entrada, vestindo a roupa branca de sua última visita. [...] Aliás minha mãe agarrou os lados da máquina registradora como se fosse uma canoa se chocando nas ondas enquanto a Sra. Hoa falava com ela, eu sabia que haveria encrenca. [...] como minha mãe estava falando, “Eu não lhe darei nenhum dinheiro. O que você fará? Você não é nada além de uma ladra e uma extorsionária, fazendo as pessoas pensarem que elas ainda podem

---

<sup>3</sup> “I haven’t heard from you yet about your donation, dear. Next week, perhaps? I’ll come by.” Mrs. Hoa was dressed formally, in an *ao dai* of midnight velvet embroidered with a golden lotus over the breast. It must have been unbearably hot in summer weather, but no perspiration showed on her temples. “Meanwhile, here’s something to read.” [...] She produced a sheet of paper from her purse, the same fake alligator skin one with the silver clasp I’d seen last week, and offered it to me. The mimeograph was in Vietnamese, which I could not read, but the blurry photograph said it all, gaunt men standing at attention in rank and file under fronds of palm trees, wearing exactly the tiger-stripe fatigues I’d imagined (NGUYEN, 2017, p. 61)

lutar esta guerra.” [...] O rosto da Sra. Hoa se tornou branco como seu vestido, e o batom vermelho manchou os dentes ocres dela, exposta em fúria. Ela encarou a clientela e disse, “Vocês a ouviram, não? Ela não apoia a causa. Se ela não é uma Comunista, ela é simplesmente ruim como uma Comunista. Se fizerem compras aqui, vocês estão ajudando Comunistas” (NGUYEN, 2017, p. 66)<sup>4</sup>

O espaço da loja familiar no conto é sinalizado como um território pertencente e dominado pela mãe do narrador. A maneira com que a revisão do passado e projeto de identidade é imposta pela senhora Hoa tem sua estrutura fragilizada pela existência de um novo projeto narrativo. Neste sentido, a reinterpretção dos símbolos que são transportados para o presente tem um papel fundamental na legitimação destes projetos de identidade. A utilização dos símbolos para legitimação da narrativa compartilhada depende da aceitação do grupo em relação a esta nova tecitura. A resistência da mãe ilustra o surgimento de uma nova significação para os mesmos símbolos em um espaço público, desestabilizando e gerando uma ruptura na forma como o passado é transportado para o presente e, conseqüentemente, como é interpretado.

A importância do espaço público para legitimação de um projeto de futuro é enfatizada pela negociação da mãe com a senhora Hoa em um espaço privado:

Minha mãe dirigiu para casa da Sra. Hoa, me levando com ela porque, como ela disse, “Aquela mulher não fará nenhuma loucura com você lá.” [...] A Sra. Hoa atendeu a porta vestindo uma regata laranja e um par de calções com uma estampa floral roxa. Seu cabelo preso em um coque e sua face, desprovida de máscara, batom, ou base estava fissurada, esburacada e quebrada – pertencendo a uma mulher anos mais velha, [...] e um mapa de varizes em suas coxas e canelas magras levando abaixo para dedos nodosos dos pés, as unhas amareladas manchadas com pedaços vermelhos de esmalte lascado (NGUYEN, 2017, p. 67)<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> I saw Mrs. Hoa at the doorway, wearing the white outfit from her first visit. [...] By the way my mother gripped the sides of the cash register as if it were a canoe rocking in the waves while Mrs. Hoa talked to her, I knew there would be trouble. [...] as my mother was saying, “I’m not giving you any money. What do you do? You’re nothing but a thief and an extortionist, making people think they can still fight this war.” [...] Mrs. Hoa’s face had turned as white as her outfit, and red lipstick smeared her ochre teeth, bared in fury. She glared at the costumers and said, “You heard her, didn’t you? She doesn’t support the cause. If she’s not a Communist, she’s just as bad as a Communist. If you shop here, you’re helping Communists” (NGUYEN, 2017, p. 66).

<sup>5</sup> My mother drove on Mrs. Hoa’s house, taking me with her because, she said, “That woman won’t do anything crazy with you there.” [...] Mrs. Hoa answered the door wearing an orange tank top and a pair of shorts in a purple floral print. Her hair pinned back in a bun and her face, bereft of mascara, lipstick, or foundation was creviced, pitted, and cracked – it belonged to a woman years older, [...] and a map of varicose veins on her skinny thighs and shins led south to gnarled toes, the yellowing nails spotted with red dabs of chipped polish (NGUYEN, 2017, p. 67).



A presença de um agente neutro no espaço, como o narrador, demarca a busca por diálogo entre as duas personagens. A forma como o narrador percebe a apresentação de senhora Hoa neste espaço privado revela aspectos de fragilidade da mulher que antes eram velados por sua encenação pública. Da mesma forma, esta fragilidade se manifesta no projeto narrativo sobre o passado, que se transporta para fora da esfera privada. Na casa da senhora Hoa, o narrador vê homens velhos e cansados que possivelmente seriam os combatentes empenhados em continuar com a guerra. As imagens impecáveis dos panfletos, então, são enfraquecidas e substituídas pelo presente imediato: conforme o tempo avança para estes indivíduos, a possibilidade de luta se distancia e fica datada.

A outra face do passado compartilhado pelas mulheres, longe da encenação pública, enfim é pautada por elas. A distância entre o presente e o passado se intensifica conforme a senhora Hoa compartilha a história de sua família ao revelar o desaparecimento e a morte de seus familiares. A imagem de heroísmo e invencibilidade é dissolvida durante a negociação dos espaços pelas duas:

Minha mãe estava quieta, dedilhando uma jaqueta camuflada de listras de tigre pendurada da prateleira. Ao menos, ela disse, “Lamento ouvir sobre o seu marido e seus filhos.” [...] “Lamenta por que?” A voz da Sra. Hoa estava estridente. “Quem é que disse que meu marido está morto? Ninguém o viu morrer. Ninguém viu o meu filho caçula morrer também. Eles estão vivos, e ninguém como você irá me dizer do contrário” (NGUYEN, 2017, p. 69)<sup>6</sup>

Apesar citar o desaparecimento de seu marido e de um de seus filhos, a personagem não permite que a morte deles seja atestada. Aceitar uma conciliação em que afirme a morte deles faz com que a senhora Hoa seja a única restante de sua família, o que significa também que seu legado e memória não possui continuidade com auxílio da herança familiar. Para a personagem, reconciliar-se com o passado e buscar outra forma experienciar o presente é sinônimo de se desfazer de a possibilidade de seus familiares ainda estarem vivos e da perpetuação sua herança.

Com isso, o projeto de futuro da senhora Hoa se demonstra diretamente ligado com a manutenção do passado no presente. Buscar reforços para que a guerra não acabe é uma forma de não a deixar virar passado. Este esforço se dá para que o passado não se distancie, uma tentativa de impedir que ele seja enfraquecido, esquecido, apagado, contestado ou até mesmo reinterpretado. Sua encenação pública é, assim, uma maneira de dar continuidade a este projeto de futuro que busca manter os interesses da comunidade vivos, colocando-se como agente unificador entre o presente e o passado.

Senhora Hoa, ao se edificar como um símbolo de tradição no presente com uso da manutenção imagética tem por finalidade que a narrativa de guerra não seja enfraquecida ou desestabilizada. Centralizar para si o poder de administração dos

---

<sup>6</sup> My mother was silent, fingering a tiger-stripe camouflage jacket hanging from the rack. At least, she said, “I’m sorry to hear about your husband and your sons.” [...] “Sorry for what?” Mrs. Hoa’s voice was shrill. “Whoever said my husband was dead? No one saw him die. No one saw my youngest son die, either. They’re alive, and no one like you is going to tell me otherwise” (NGUYEN, 2017, p. 69)

interesses da comunidade é, então, uma forma de manter a coesão narrativa neste espaço, que leva à exclusão de agentes que não partilham deste sentimento unificador.

### 3. PROJETO DE IDENTIDADE PELA RECONCILIAÇÃO COM O PASSADO

O acordo tácito que é acertado pelas duas personagens é, enfim, selado pela quantia em dinheiro que a mãe dá para a senhora Hoa. No início do conto, o narrador questiona a mãe sobre o motivo de os clientes não pagarem pelo preço dos objetos que a família vende na loja, fazendo com que a mãe lhe responda com uma pergunta para reflexão: “Você será o tipo de pessoa que sempre paga o preço sugerido? [...] Ou o tipo que batalha para descobrir o quanto algo realmente vale?” (NGUYEN, 2017, p. 51)<sup>7</sup>. Este costume não fica restrito às negociações comerciais. Mesmo com a demanda de senhora Hoa por uma quantia em dinheiro para que a mãe possa continuar gerindo sua loja sem boicote na comunidade, a personagem busca lutar por seus direitos, para não ser silenciada por uma imposição externa.

A quantidade que, por fim, a mãe doa para a causa de senhora Hoa equivale à metade do valor demandado originalmente. Esta ação não significa uma tentativa de desvalorizar a causa de senhora Hoa, mas de demonstrar que reconhece a presença do passado em comum e mostrar que está disposta a buscar um meio-termo para ambas. O fim da disputa no espaço público acontece por intermédio da esfera privada e representa que não houve vitória para nenhuma das duas personagens, uma vez que partilham da mesma experiência diaspórica. Assim, a trégua serve para que a loja da família não sofra boicote na comunidade, ao mesmo tempo que impede com que a imagem pública da senhora Hoa seja fragilizada, já que ela foi exposta pela mãe na visita surpresa.

Para a mãe, o empenho em negociar os espaços de ação pública com a senhora Hoa é um esforço de não reduzir sua agência no presente diegético, impedindo que a construção de um projeto de futuro para sua família seja limitada. A construção desta narrativa, apesar de necessitar da ação no espaço público, tem seu foco na manutenção do núcleo familiar, uma vez que a loja da família é a fonte de renda e subsistência. Afirmado publicamente que a personagem mãe estaria afiliada ao partido comunista vietnamita, a senhora Hoa ameaça o funcionamento deste ambiente, já que ele depende do engajamento dos clientes que são parte da comunidade refugiada para funcionar.

Apesar deste espaço de trabalho estar ligado à participação da família na esfera pública da comunidade, o motivo de ele existir é a possibilidade de prosperar. O esforço empreendido pela mãe neste espaço é direcionado ao projeto de futuro. Apesar disso, a preocupação com a estabilidade financeira revela níveis mais subjetivos no que diz respeito à manutenção dos costumes da família no presente:

---

<sup>7</sup> “Are you going to be the kind of person who always pays the asking price? [...] Or the kind who fights to find out what something’s really worth?” (NGUYEN, 2017, p. 51)

Meus pais mantinham um pouco dos lucros deles no banco, doavam uma porção para a igreja, e transferiam uma outra porcentagem aos parentes no Vietnã, que periodicamente nos enviavam cartas finas engrossadas com problemas, resumidas a mim por minha mãe em um ritmo de sem comida e sem dinheiro, sem escola e sem esperança. As experiências de seus parentes e suas próprias ensinaram meus pais a acreditarem que nenhum país era imune ao desastre, e então eles esconderam uma outra porcentagem de seus lucros em casa, para caso alguma calamidade apagasse o sistema bancário Americano (NGUYEN, 2017, p. 57)<sup>8</sup>.

Os sedimentos de memória ligados à dor e ao sofrimento causados pela guerra influenciam na forma como os fundos familiares são gerenciados e guardados. A dissolução do projeto de nação que era nutrido por estes indivíduos no Vietnã do Sul gera um sentimento perpétuo de insegurança e instabilidade. Estes sentimentos são traduzidos pela descrença da mãe em relação ao sistema bancário norte-americano, que não é considerado por ela uma instituição estável. O fundo extra, que é escondido na casa, representa a existência de uma tática de sobrevivência alternativa, uma vez que os pais não se sentem seguros no presente, mesmo que busquem um projeto de futuro estável para seus filhos neste país de assentamento.

Além disso, mesmo com o esforço da família em ajudar os entes que ficaram no Vietnã, a forma como a mãe descreve o conteúdo das cartas para o filho revela a maneira como ela gerencia este passado. Apesar de não dar detalhes, o panorama que ela traça do ambiente – sem comida, sem dinheiro, sem escola e sem esperança – revela-se como uma expressão contrária do projeto que ela busca para seu legado familiar. A maneira como este projeto é traduzido para o presente é pautada pelo distanciamento com estas imagens de instabilidade, mesmo que ainda exerçam influência na tomada de decisões do pai e da mãe no presente.

Estes sedimentos de memória continuam a surgir inconscientemente para a mãe, como o narrador revela:

Talvez minha mãe estava falando sobre a fome no final da Segunda Guerra Mundial, quando ela tinha nove anos. [...] “Você sabia que uma dúzia de crianças na minha vila morreram de fome?” disse ela, embora eu obviamente não soubesse. “Pessoas mais velhas também [morreram], algumas vezes exatamente na rua. Um dia eu achei uma garota com quem eu costumava brincar morta em sua porta de entrada.” Minha mãe caiu em silêncio conforme ela encarava um ponto na parede acima do televisor, e eu não disse nada. Era o tipo de história que ela contava o tempo todo, e de toda

---

<sup>8</sup> My parents kept some of their profits in the bank, donated a portion to the church, and wired another percentage to the relatives in Vietnam, who periodically mailed us thin letters thick with trouble, summed up for me by my mother to the tune of no food and no money, no school and no hope. Their relatives’ experiences and their own had taught my parents to believe that no country was immune to disaster, and so they secreted another percentage of the profits at home, just in case some horrendous calamity wiped out the American banking system (NGUYEN, 2017, p. 57).

forma, eu estava muito distraído para perguntar sobre (NGUYEN, 2017, p. 54)<sup>9</sup>.

Quando a mãe é confrontada no presente diegético com notícias sobre guerras, ela é transportada para os eventos traumáticos ligados ao seu passado. Confrontar estas imagens é uma maneira de justificar os esforços do presente de se desvincular destes eventos traumáticos. Apesar disso, quando ela busca compartilhar estas experiências com o filho, não espera que ele sofra da mesma forma, fazendo com que os sedimentos compartilhados não sejam inclusos em uma malha narrativa coesa. Isto também ocorre porque a rememoração dos eventos traumáticos não acontece de forma intencional: a personagem é transportada para as lembranças e as traduz para o presente como algo distante, sem empreender esforço em gerar elos de coesão diretos entre o presente e este passado, uma vez que não deseja que o futuro de seus filhos seja influenciado por estas experiências.

Os momentos em que a mãe declara de forma conscientemente sua relação com o passado estão associadas à violência do presente, ligadas às consequências das lutas ou de batalhas que ainda continuam em vigor. A exemplo disso, está a perseguição de jornalistas ou comunicadores que se opõem ao partido comunista na atualidade diegética, relatada pelo jornal local da comunidade, situação em que a personagem expressa sua opinião de forma direta:

Conforme contávamos sobre o dia, minha mãe reportou sobre os rumores de que ex-soldados Sul Vietnamitas estavam organizando não apenas um exército guerrilheiro na Tailândia, mas também uma frente secreta aqui nos Estados Unidos, com intuito de destronar os Comunistas. Mais sombrio que os rumores era como agressores desconhecidos bombardearam o escritório do editor de um jornal Vietnamita em Garden Grove (ele morreu [...] os assassinos nunca foram pegos). “Eles apenas disseram em público o que várias pessoas já falavam em privado [...]. Fazer pazes com os Comunistas pode não ser algo tão ruim” (NGUYEN, 2017, p. 55).<sup>10</sup>

A busca por fazer as pazes com os comunistas, na verdade, é uma busca por reconciliação com o passado, para que a violência deixe de afetar a família no

---

<sup>9</sup> Perhaps my mother was talking about the famine at the end of the Second World War, when she was nine. [...] “Do you know a dozen children in my village starved to death?” she said, even though I obviously not know. “Older people, too, sometimes right on the street. One day I found a girl I used to play with dead on her doorstep.” My mother lapsed into silence as she stared at a point on the wall above the television, and I did not say anything. It was the kind of story she told all the time, and in any case, I was too distracted to ask questions (NGUYEN, 2017, p. 54).

<sup>10</sup> As we did the day’s reckoning, my mother reported on the rumors of former South Vietnamese soldiers organizing not only a guerrilla army in Thailand but also a secret front here in the United States, its purpose to overthrow the Communists. Grimmer than rumors was how unknown assailants had firebombed a Vietnamese newspaper editor’s office in Garden Grove (he died [...] the murders were never caught). “They just said in public what a lot of people already say in private [...]. Making peace with the Communists might not be such a bad thing” (NGUYEN, 2017, p. 55)

presente. O desejo da mãe em ter uma trégua com a violência é uma necessidade para seu projeto de futuro. Deixar as imagens destes conflitos para trás, sem dar ênfase a eles no presente, é como a personagem se distancia do sofrimento constante que está gravado em sua memória.

A maneira como o presente se desvincula do passado não é produto apenas da vontade da mãe. O acesso involuntário aos fragmentos de memória traumáticos é experienciado exclusivamente pelos adultos na narrativa. Da mesma forma, as imagens positivas que a família possuía antes da guerra também não é transportada inteiramente para o presente:

[...] quando minha irmã e eu não éramos nem nascidos e a guerra estava longe de ser vista, minha mãe e meu pai tinham o futuro. Às vezes eu tentava imaginar como ela se aparentava quando era mais jovem, aos nove anos, e não conseguia. Sem uma fotografia, minha mãe como uma menina pequena não mais existia em lugar algum, talvez nem em sua própria mente. Mais que todas aquelas pessoas mortas por fome, era o pensamento da minha mãe não lembrando como ela se aparentava como uma menina pequena que me entristeceu (NGUYEN, 2017, p. 64).<sup>11</sup>

A inexistência de artefatos simbólicos que ilustram a experiência do passado priva a formação de elos de coesão diretos entre estas memórias e a narrativa do presente. A ausência destes elos de coesão gera lacunas narrativas para os herdeiros deste projeto de futuro. Estas lacunas não são preenchidas pelas histórias que são constantemente contadas e revisitadas pela mãe, como evidenciado pela distração do narrador durante estes momentos.

Com isso, mesmo que a mãe empreenda esforços em se distanciar do passado, a maneira como este projeto de identidade familiar é gerenciado não se desvincula completamente dele. Isso se dá pela falta de agência da mãe sobre as lembranças traumáticas que são revisitadas e como estes sedimentos são transportados para o presente, afetando os hábitos diários da família. As lacunas de sentido devem, então, ser preenchidas pelo empreendimento de esforços dos outros indivíduos que são envolvidos nesta narrativa.

#### **4. O PRESENTE CONSTRUÍDO PELA AUSÊNCIA DE ELOS DE COESÃO DIRETOS COM O PASSADO**

---

<sup>11</sup> [...] when my sister and I were not yet to be born and the war was nowhere to be seen, my mother and father owned the future. Sometimes I tried to imagine what she looked like when she was even younger, at nine, and I could not. Without a photo, my mother as a little girl no longer existed anywhere, perhaps not even in her own mind. More than all those people starved by famine, it was the thought of my mother not remembering what she looked like as a little girl that saddened me (NGUYEN, 2017, p. 64).

As histórias que a mãe conta sobre o passado histórico da família são compartilhadas em momentos de socialização dela e do filho. O narrador relata que, como costume, a mãe costumava pedir para que ele procurasse fios de cabelo branco em sua cabeça, recebendo em troca um níquel para cada um destes fios. Contudo, ele ressalta que sua atenção não era voltada para a socialização, pois estaria distraído demais para se interessar no que era compartilhado.

A motivação do momento de interação, para o narrador, é associada ao seu impulso de desejo pelo consumo cultural:

Esse era o tipo de história que ela contava todo o tempo, e no meu caso, eu estava muito distraído para fazer perguntas. Ela estava me pagando por cada fio que eu encontrava e eu estava focado em minha busca, cada cabelo grisalho me deixando mais um níquel mais perto do próximo volume do Capitão América (NGUYEN, 1997, p. 54)<sup>12</sup>.

O impulso de adquirir a revista é associado ao desejo da criança em consumir e participar da cultura norte-americana. Neste sentido, o capital cultural que lhe é fornecido pela mãe não o satisfaz como os outros símbolos culturais que circulam nas demais redes de socialização do narrador.

As imagens que são adquiridas pela intermediação das narrativas familiares são construções distantes das que são negociadas e experienciadas pelo narrador. Ele organiza estas imagens recebidas pelas gerações anteriores de maneira similar com a forma que interage com outros espaços culturais:

Eu sabia a base de nossa história tão bem quanto sabia a história de Adão e Eva: os Comunistas marcharam do Vietnã do Norte em 1975 para invadir o Vietnã do Sul, nos expulsando, de todo o caminho através do Pacífico até a Califórnia. Eu não tinha memórias da guerra, mas a Sra. Hoa disse que outros não haviam esquecido (NGUYEN, 2017, p. 51).<sup>13</sup>

A existência do passado histórico é, para a criança, uma fonte tão distante quanto as raízes de sua formação religiosa. Apesar de tecer um fundo narrativo, a distância entre o acontecimento passado é tão grande que há uma descontinuidade com o presente do personagem.

O narrador também ressalta a partir de sua comparação com a religiosidade que a rememoração deste fundo comum da comunidade em que vive é mantida,

---

<sup>12</sup> It was the kind of story she told all the time, and in my case, I was too distracted to ask questions. She was paying me for every strand I found and I was intent on my search, each gray hair bringing me one nickel closer to the next issue of Captain America (NGUYEN, 1997, p. 54)

<sup>13</sup> I knew the basics of our story as well as I knew the story of Adam and Eve: the Communists had marched from North Vietnam in 1975 to invade South Vietnam, driving us out, all the way across the Pacific to California. I had no memories of the war, but Mrs. Hoa said the others had not forgotten (NGUYEN, 2017, p. 51)

especialmente, pelas gerações anteriores a ele. A memória compartilhada pela comunidade, neste sentido, é apresentada ao narrador como um culto de significações e valores antigos, que não estão próximos de seu projeto de identidade pautado pela socialização que dispõe no presente.

Mesmo com o núcleo familiar situado em uma comunidade que está ligada a uma identidade nacional diferente da narrativa hegemônica, o ambiente em que o personagem é educado tem forte influência sobre a administração da afetividade e de seu pertencimento:

[...] na classe da Srta. Korman da escola de verão, onde, por sete horas diárias, eu falava apenas em Inglês. Eu gostava da escola, mesmo a escola de verão. Era como estar de férias de casa, e às três da tarde, eu estava um pouco desapontado de andar quatro quarteirões para a mercearia que meus pais possuíam, o New Saigon Market, onde o Inglês era dificilmente falado e o Vietnamita era barulhento (NGUYEN, 2017, p. 50).<sup>14</sup>

O prazer em ter contato com a cultura norte-americana reforça o desejo em pertencer ao projeto de identidade que é experienciado na escola. Seu impulso de afetividade é direcionado para a possibilidade de participar dos ambientes em que a língua inglesa é falada. Neste sentido, a língua vietnamita que é utilizada na comunidade em que vive é considerada um ruído em sua socialização.

Os dois ambientes culturais apresentam formas distintas de produtos culturais e produção de sentido. Nisso, a língua serve como chave para a participação nestes ambientes. Com isso, as matrizes de atribuição de sentido que são utilizadas pelo narrador não são restritas à socialização do núcleo familiar e nem da comunidade vietnamita, uma vez que são construídas também pelo seu contato com as diferentes expressões narrativas.

O desapontamento do personagem de voltar para o local em que habita é relacionado à ausência de expressões culturais e de sentido que ele se identifica, que circulam especialmente no ambiente escolar. Em determinado momento, o personagem questiona a mãe sobre o motivo de não venderem televisões ou outros utensílios que são ligados à cultura norte-americana. A resposta da mãe é baseada pela impossibilidade dela e dos clientes de pronunciar o nome dos produtos em questão. Em outras palavras, a falta de palavras para os produtos de uma outra cultura também transmite a ausência de significado que eles teriam na loja de sua família: os clientes integrantes do grupo de refugiados no país, não se interessariam por produtos que não lhes despertam sentido, assim como a mãe não compreende a necessidade de vendê-los.

As lacunas de significado entre os dois espaços de socialização que o narrador transita tornam-se então evidentes. Estando em contato com dois

---

<sup>14</sup> [...] in Ms. Korman's summer School classroom, where, for seven hours everyday, I spoke Only English. I liked school, even summer school. It was like being on vacation from home, and at three o' clock, I was a little disappointed to walk four blocks to the grocery store my parents owned, the New Saigon Market, where English was hardly ever spoken and Vietnamese was loud (NGUYEN, 2017, p. 50).

ambientes distintos, o personagem utiliza as expressões culturais internalizadas no presente para gerar os elos de coesão com a narrativa histórica do passado de sua família:

Nós vivíamos no andar acima da loja, e às vezes eu imaginava se uma criança Comunista estava dormindo na minha cama, e se caso estivesse, que tipos de livros um Vermelho lia, e que tipo de filmes ele assistia. Capitão América era fora de questão, mas ele possivelmente havia visto Luke Skywalker cruzando sabres de luz com Darth Vader. Eu havia visto Guerra nas Estrelas uma dúzia de vezes em videocassete, e se alguém era tão desprovido a ponto de não ter assistido nem uma vez, então o país em que ele viveu certamente necessitava de uma revolução. Mas a minha mãe não teria concordado (NGUYEN, 2017, p. 56-57).<sup>15</sup>

Por não possuir memórias do Vietnã e não interagir diretamente com o contexto histórico da guerra, a criança busca entender o que torna os comunistas diferentes de si usando características culturais que são comuns no país em que vive no presente diegético. Durante a narrativa, o personagem é confrontado com diferentes formas de conceber a existência dos Comunistas nas narrativas sobre o passado que ele ouve dos mais velhos. A partir da percepção da senhora Hoa, estes indivíduos representam uma ameaça constante no presente. Esta visão é reforçada pelas notícias dos jornais e pela maneira que as pessoas da comunidade não desejam estar associadas a eles.

Contudo, a perspectiva de reconciliação que a mãe do narrador manifesta desperta dúvida sobre o que torna estes indivíduos diferentes. A curiosidade faz o narrador pensar sobre os possíveis elementos de alteridade envolvidos na construção destes antagonistas sociais. Isto que o leva a imaginar uma narrativa similar a sua a partir de fragmentos de memória seu antigo lar. Porém, não é possível para o personagem se desassociar dos elementos culturais que foram internalizados a partir de sua socialização no presente.

As experiências do presente são utilizadas para formular uma construção imagética e produzir sentido. Nisso, ele busca imaginar a diferença a partir da ausência dos elementos que lhe geram sentido afetivo. A distância que o narrador constrói de alguém que seria semelhante a ele, como a criança vermelha, só tem significado pelas imagens que consegue transportar para o passado imaginado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>15</sup> We had lived above the store, and sometimes I wondered if a Communist child was sleeping in my bed, and if so, what kind of books a Red read, and what kind of movies he saw. Captain America was out of the question, but he must have seen Luke Skywalker crossing light sabers with Darth Vader. I had seen Star Wars a dozen times on videotape, and if anyone was so deprived as to have not watched it even once, then the country in which he lived surely needed a revolution. But my mother would not have agreed (NGUYEN, 2017, p. 56-57).



A maneira como os personagens acessam os sedimentos de memória que remetem ao passado revela a velocidade com que ocorre o processo de hibridização desta comunidade. No conto, esta velocidade é ilustrada de três formas distintas e está diretamente relacionada com a maneira que os personagens acessam o passado. No primeiro caso, da senhora Hoa, o empreendimento em manter o passado vivo e influenciando no presente é uma maneira de não se desvincular da identidade de nação originária. A personagem utiliza sua influência no espaço público para mobilizar a comunidade nesta manutenção. Porém, conforme esta narrativa envelhece e é desestabilizada com o tempo, já que não é possível dar continuidade à guerra.

Neste sentido, novas formas de acessar o passado emergem, como é o caso do núcleo familiar gerenciado pela mãe do narrador, que representa a segunda forma de construção de projeto de identidade no conto. A mãe, representante dos interesses do núcleo familiar, busca estabilidade para a família no presente diegético por meio de uma reconciliação com o passado. Esta reconciliação acontece conforme a personagem distancia o projeto de futuro dos eventos traumáticos vividos pela família. Apesar disso, não há uma ruptura completa com o passado, uma vez que parte dos hábitos diários do presente estão ligados às suas experiências traumáticas. Além disso, os valores culturais que a família busca cultivar, assim como a socialização, ainda são arraigadas na comunidade em que vivem, composta por refugiados vietnamitas. Seu projeto de futuro é pautado pela busca de reconciliação com o passado, sem que ele interfira de forma negativa no presente, num esforço de pensar a condição de refugiados (MATHIAS, 2017).

Por causa do passado histórico da comunidade ser intermediado pelas memórias da mãe do narrador, este personagem é confrontado com lacunas de sentido da narrativa identitária compartilhada pelo núcleo familiar. A socialização do personagem em mais de um espaço cultural afeta a forma como o narrador constrói seus elos de coesão. Nisso, a identificação afetiva com a cultura norte-americana norteia a interpretação da criança sobre o passado histórico que ele encontra nas narrativas familiares. O contexto do presente diegético, que permite ao personagem transitar de forma livre entre as duas culturas, indica um terceiro projeto identitário de futuro, que se distingue dos dois anteriores pela descontinuidade com as lembranças do passado histórico.

Por fim, a velocidade do processo de hibridização, que visa à consolidação de narrativas identitárias, está diretamente conectada com a maneira como os personagens projetam suas heranças históricas e visitam suas memórias. As informações que terão ênfase neste processo de rememoração estão associadas com o interesse com que estes sujeitos transportam as narrativas de passado para as malhas de sentido do presente.

---

## Referências

---

GOYAL, Yogita. Un-American: Refugees and the Vietnam War. **Publications of the Modern Language Association of America**, v. 133, n. 2, p. 378-383, 2008.

MATHIAS, Dionei. Identidade e narrativas culturais. **Guavira Letras**, v. 17, p. 163-188, 2013.

MATHIAS, Dionei. A condição de refugiado e o exercício da voz. **Literatura e autoritarismo** (UFSM), v. 29, p. 69-80, 2017.

MATHIAS, Dionei. Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. **Scripta Uniandrade**, v. 16, p. 225-238, 2018.

MCDOWELL, Sara. Heritage, memory and identity. In: GRAHAM B; HOWARD P. (Orgs), **The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity**. Abingdon: Routledge, 2008. p. 37-54.

NGUYEN, Viet Thanh. War Years. In: NGUYEN, Viet Thanh. **The Refugees**. New York: Grove Atlantic, 2017.

NGUYEN, Viet Thanh. **Nothing Ever Dies: Vietnam and the Memory of War**. Harvard: University Press, 2016.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

TUCKER, Spencer C. **Vietnam**. Lexicon: University Press of Kentucky, 1999.

TUCKER, Spencer C. Overview of the Vietnam War. In: TUCKER, Spencer C. **The encyclopedia of the Vietnam War: a political, social, and military history**. 2nd ed. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, LLC, 2011. pp. xli-xlvi.

WIEST, Andrew. **The Vietnam War 1956-1975**. Oxford, England: Routledge, 2005.

---

#### Para citar este artigo

---

FILIPPETTO, D. do C. A herança do passado nos projetos de identidade em “War Years”. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 88-105.

---

#### A autora

---

DEBORAH DO CARMO FILIPPETTO é graduada em Letras Inglês e suas Literaturas pela UFSM. Atualmente é mestranda em Literatura, Comparatismo e Crítica Social, sob os auspícios da CAPES, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Participa do projeto “Literatura e Identidade”.